

Americano vê negligência na tragédia de Caruaru

Saúde 08 MAI 1996

JORNAL DE BRASÍLIA

Recife - A tragédia da hemodiálise em Caruaru não pode ser atribuída a uma fatalidade nem a um acidente ecológico. É isto o que garantem os especialistas em microalgas, o professor norte-americano Wayne Carmichael, da Universidade de Ohio, e a bióloga Sandra Azevedo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para os cientistas, a contaminação dos doentes renais durante sessões de hemodiálise no Instituto de Doenças Renais de Caruaru (IDR) poderia ter sido evitada através de um monitoramento mais rigoroso da água usada pela clínica e dos mananciais que abastecem as cidades.

Segundo Carmichael, nos Estados Unidos as companhias de abastecimento de água são privadas, mas realizam testes semanais para controlar a quantidade de microalgas, obedecendo a critérios determinados pelo governo norte-americano. Nem ele nem Sandra apontaram responsáveis pela contaminação, que já levou pelo menos 39 doentes renais à morte. O professor lembrou, porém, que se algo similar ocorresse nos Estados Unidos, "certamente alguém iria pagar muito caro".

Primeira pessoa a levantar a hipótese de que a intoxicação teria ocorrido através de microalgas, Sandra Azevedo disse, ainda, que o filtro de

carvão ativado do sistema de tratamento de água do IDR estava não somente saturado com a Microcistina LR - toxina produzida por microalgas azuis -, mas também liberava a toxina, contaminando água de boa qualidade usada em testes.

Segundo ela, a saturação contribuiu para a intoxicação dos pacientes. "Saturado, o filtro deixa passar a toxina", afirmou. A bióloga ressaltou existir um grande e generalizado desconhecimento sobre a periculosidade das microalgas azuis, cuja presença nos mananciais é favorecida pela poluição com fertilizantes, dejetos industriais e esgoto doméstico.